
BULGÁRIA ÀS AVESSAS: A CONTRALÓGICA
EM O PÚCARO BÚLGARO,
DE CAMPOS DE CARVALHO

Gabriela Azeredo Santos

Resumo: *entendendo a linguagem como um fenômeno fundamentalmente dialógico e como interação social, propõe-se, neste artigo, uma leitura de O púcaro búlgaro, de Campos de Carvalho, à luz dos estudos sobre ironia, chiste e carnavalização, posto que, na referida obra, “as comunidades discursivas” fornecem o contexto para o emprego e a atribuição de ironia, utilizada como estratégia discursiva para desmascarar a existência social e revelar o seu significado latente.*

Palavras-chave: *ironia, chiste, contralógica, carnavalização*

Las nupcias entre el verbo y el universo se
consuman de una
manera insólita, que no es ni palabra ni silen-
cio sino un signo que busca su significado.
(Octavio Paz)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

***E**l poema cesa de ser una sucesión lineal y escapa así a la tiranía tipográfica que nos impone una visión longitudinal del mundo, como si las imágenes y las cosas se presentasen una detrás de las otras y no, según realmente ocurre, en momentos simultáneos y en diferentes zonas de un mismo espacio y en diferentes espacios. (Octavio Paz)*

O *púcaro búlgaro*, de Campos de Carvalho, não é apenas a história de uma expedição para provar a existência ou a inexistência da Bulgária. Tampouco seu narrador é somente o expedicionário-chefe que publica um anúncio no jornal e escolhe quatro companheiros bizarros: o professor de bulgarologia, Radamés Stepanovicinsky; inclinado para a esquerda, Per-nacchio, o qual morou muitos anos ao lado da Torre de Pisa e defende a teoria de que não é ela que está se inclinando, e sim toda a cidade de Pisa; o descendente do sábio hindu que inventou o zero, Ivo que viu a uva, detentor de *royalty* sobre todos os zeros; e ainda integra o séqüito, pelo simbolismo de seu nome, Expedito. Completam o enredo lacunar, em que coabitam imaginação e realidade, indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, real e ideal, além dos quatro, as personagens Rosa – a empregada, amante do expedicionário-chefe –; o vizinho de frente, que o olha de binóculo, e sua atraente neta (ou tataraneta); um marinheiro fenício; um algebrista desiludido da álgebra e disposto a abrir na Bulgária uma fábrica de acentos circunflexos; e Fulano C. Meireles, ex-halterofilista que, ao descobrir que não existia, perdeu toda a vontade de existir e foi se definhando. Mais que isso, *O púcaro búlgaro*, narrativa de imaginação singular e demonstração magnífica de domínio da linguagem – o que resulta em deliciosos jogos de palavras –, é a sobreposição de cenas e situações, que parecem não levar a lugar algum, a respeito de uma viagem a lugar algum. É o resultado da combinação entre nonsense, jogo de contrastes, lógica do absurdo e da subversão, humor culto e, sobretudo, carnavalização, chiste e ironia.

Para Deleuze (2003, p. 143),

as singularidades não são aprisionadas em indivíduos e pessoas; e muito menos caímos em um fundo indiferenciado, profundidade sem fundo, quando desfazemos o indivíduo e a pessoa. O que é impessoal e pré-individual são as singularidades, livres e nômades. O que é mais profundo que todo o fundo é a superfície, a pele.

É possível afirmar que, em todas as suas manifestações, o ser passa pela experiência da separação e da reunião. Diante disso, a ironia pressupõe a separação e privilegia a alteridade. Cícero fornece a definição mais sincrética de ironia, a que atribui o nome *dissimulatio*, pois, para ele, esta se baseia em dois pontos fulcrais: dizer algo diferente do que se pensa e dizê-lo de maneira fingida. Nesse caso, a implicatura (e não o sentido) seria oposta ao que se diz, mas não atenderia ao tipo de ironia de que neste artigo se fala. Segundo Almeida (1997, p. 53),

tudo que pertence à esfera da razão crítica se expressa, no poema moderno, por meio da ironia. Esta, ao mesmo tempo em que efetua a cisão, lança o sujeito no desengano, por não poder abolir o espaço que se interpõe entre ele e o mundo exterior. Saber-se dividido é ter consciência da contradição de ser uno e outro ao mesmo tempo. Porque nega a identidade, a ironia nega também a analogia. Ambas são irreconciliáveis e atuam numa direção oposta: a analogia busca identificar os contrários; a ironia lhes acentua as diferenças e intensifica a divisão. A atuação da ironia, na linguagem, se expressa por meio da cisão entre palavra e objeto.

Pode-se dizer que a ironia é uma “atividade discursiva” que confere poder. Sua natureza social não pode ser subestimada. Para Hutcheon (2000, p. 37), “a ironia cria hierarquias: aqueles que a usam, depois aqueles que a ‘pegam’ e, no fundo, aqueles que não a ‘pegam’.”

“Pegar” a ironia desperta um estado ambivalente: ao mesmo tempo em que se sente só, no universo de um mundo estranho, sente-se em comunhão com esse mundo, na compreensão de sua totalidade. Daí o caráter extremamente prazeroso de um texto irônico. Esse deleite é causado pela capacidade de o leitor ‘interpretar’ as implicações possíveis no enunciado, a partir de seu conhecimento da cena enunciativa e de seu conhecimento de mundo, provocando nele a convicção de que a ‘interpretação’ feita a partir dos seus conhecimentos é a correta. Essa situação de autoridade, em que o interpretante se sente acima daquele que ignora o objeto interpretado ou do ingênuo, leva à fruição.

Para que haja chiste, é preciso haver algo de surpreendente. E à surpresa se acrescenta a genialidade, o talento que um indivíduo tem para forjar a relação surpreendente. De acordo com Freud (1995), o chiste gera um prazer estético no ‘receptor’, quando este acredita ter percebido o que o outro quis dizer. Segundo ele, todos os conflitos psíquicos surgem, aparentemente, da oposição entre o princípio da realidade e o princípio do prazer. Lembrando que o recalque é o conceito básico da teoria do inconsciente, é interessante observar que, para Freud (1995), o recalque e a sublimação de processos inconscientes estão intimamente ligados à teoria das piadas e do cômico. Sua hipótese é a de que o chiste se forma quando um pensamento pré-consciente é abandonado, por um momento, à revisão do inconsciente e o resultado disso é imediatamente capturado pela percepção consciente. O chiste torna possível a satisfação de um instinto (libidinoso ou hostil) diante de um obstáculo colocado em seu caminho. Tal obstáculo é transposto e, assim, é possível retirar prazer de uma fonte que ele tinha tornado

inacessível. Nessa concepção, o chiste é a mais social de todas as funções mentais que objetivam a produção do prazer.

Todavia, mesmo que se defina o chiste como um processo psíquico, breve e prazeroso, no presente estudo não se pode ignorar que o prazer da engenhosidade verbal contida em *O púcaro búlgaro* emana do humor agressivo, do caráter surreal da narrativa, do alívio catártico provocado pela complexidade dos jogos de palavras, que ridicularizam o poder, a sociedade, a ciência, as relações humanas. O narrador atinge o “riso impossível” a partir das possíveis impressões que causa naquele que faz rir. Ele utiliza o leitor e se reúne a ele para suscitar seu próprio riso. Além disso, obtém duas fontes de prazer: o da verbalização, no jogo das palavras com o arbitrário do significante ou no *nonsense*, e o de escapar da censura, ao dizer o que quer dizer, sob disfarce.

Portanto, instaura-se um riso coletivo, oposto à seriedade e à repressão da cultura oficial e do poder real, conferindo uma dimensão cósmica às manifestações carnavalescas, que, por sua vez, se contrapõem a uma visão de mundo coerente e organizada. Contudo, esse riso não é apenas negativo e destrutivo – ou autodestrutivo, como a própria narrativa em tela –, mas cheio de verve e deboche, próprios da liberdade fecunda e regeneradora oculta na demolição, por meio do *nonsense*, de todos os valores burgueses; na redução do amor à sua forma fisiológica: o sexo; na restrição da vida à morte; e na sistematização epistemológica da existência. O sentido do riso carnavalesco se dá mediante a relativização da verdade e do poder dominantes, pois a mudança e a renovação do mundo são celebradas ao se ridicularizar tudo o que está em condição imutável, definitiva.

Neste artigo propõe-se, sobretudo, entender como e porque a ironia acontece em *O púcaro búlgaro*, determinando, em seu discurso, uma contralógica. Para tanto, será necessário descobrir quais os mecanismos que permitem reconhecer a ironia no referido texto e como esses mecanismos possibilitam o leitor implicar algo diferente daquilo que o narrador está literalmente dizendo, posto que a ironia, na narrativa em questão, não é reforçada com traços supra-segmentais. Uma vez que, apesar de a ironia fundamentar-se em um sentido figurado, o narrador “finge” que o literal é real, de que modo essa ‘irrealidade’ do real é percebida?

O SABOR DAS PALAVRAS EM *O PÚCARO BÚLGARO*

A alma que se abandona à ironia parece aquela que atravessa o mundo da doutrina de Pitágoras: ela está sempre em viagem, mas não tem mais

necessidade de uma tão longa duração... [...] Se a realidade dada perde seu valor para o ironista, não é enquanto é uma realidade ultrapassada que deve deixar o lugar a uma outra mais autêntica, mas porque o ironista encara o Eu fundamental, para o qual não existe realidade adequada. (Kierkegaard)

O discurso de *O púcaro búlgaro* se individualiza especialmente pelo seu estilo carregado de chistes, humor, trocadilhos e sua relação com o inconsciente. Seus jogos de aliterações e de aproximações de significantes e não de significados mostram como o prazer sobrepõe-se, ludicamente, à criação literária. É difícil escolher trechos para exemplificar tais ocorrências, pois em cada frase do texto há um duplo movimento, uma espécie de metonimização, na conversão do abstrato em concreto e, reciprocamente, na abstração do concreto, subvertendo-os. O resultado dessas escolhas seria a transcrição completa da obra. Entretanto, espera-se, neste estudo, levantar ao menos alguns fragmentos (penosa e subjetivamente) considerados mais significativos.

O romance é chamado pelo narrador de diário e, antes que os registros se iniciem, há a Explicação Necessária, Os Prolegômenos e a Explicação Desnecessária, preâmbulos de títulos jocosos e intrigantes. Já na primeira, fica claro o discurso crítico contra a hipocrisia disfarçada de politicamente correto, recorrente em toda a obra. Está em questão a propriedade de ente dos seres, das coisas e dos lugares, que só têm existência após serem epistemologicamente comprovados. De acordo com Deleuze (2003, p. 138), “a linguagem não pode se fundar mais na designação do que na significação”. Confere-se a crítica, nos trechos abaixo:

[...] em que pese ao número crescente de pseudoviajantes e outros aventureiros que, munidos de documentos irrefutáveis, provam ou tentam provar a cada passo o seu respeitável ponto de vista – escudados muitas vezes no prestígio de assembléias ou conferências as mais internacionais.

[...]

à luz das novas ciências ou das que porventura ainda estejam por surgir.

[...]

teve o autor a oportunidade de empreender em torno dessa mirífica e cada vez mais nebulosa disputa geográfica: ou, para dizer com mais exatidão, em torno desse espanto geonômico, como tão bem o definiu um famoso historiador búlgaro. (idem, ibidem).

[...]

Entende o autor, apenas, que muito mais importante do que ir à Lua é ir ou pelo menos tentar ir à Bulgária – ou, quando menos, descobri-la (CARVALHO, 2002, p. 309).

[...] me achara um tipo muito apegado à realidade das coisas, em vez de à sua realeza.

[...]

— Os búlgaros, vejam o senhor, mesmo que não existissem passariam a existir desde o momento em que eu vim ao mundo. Pois, assim como minha mãe me concebeu, eu concebi todas as Bulgárias presentes, passadas ou futuras, e sem a ajuda de nenhum pai, o que é mais importante (CARVALHO, 2002, p. 334).

Em *Os Prolegômenos*, desfilam ininterrompidamente trocadilhos (“numa esquina qualquer do mundo”; “em defesa de seus princípios e conseqüentemente de seus fins”; “e como o que existe ou dizem existir”; “o que fez ou se pôs a fazer; “Do que se passou e sobretudo do que não se passou”), neologismos (“pretextando”; “pucaridade ou bulgaricidade”), humor crítico (“com data, etiqueta e tudo, e sob a proteção da bandeira dos Estados Unidos da América”; “como as múmias e as ruínas ditas clássicas – como se também isso fosse possível, uma coisa ser clássica e ruína ao mesmo tempo.”) e jogos de palavras e ironia espetaculares, como se segue:

Nada tinha como nada tem o autor, evidentemente, contra nenhum búlgaro em carne e osso, desde que ele dispusesse a exhibir a sua carne e os seus ossos a quem os quisesse ver [...]. Nada tem igualmente contra os púcaros na sua simples condição de púcaros, uma vez que não se metam a búlgaros e saiam para a praça pública a gritar – SOU UM PÚCARO BÚLGARO, SOU UM PÚCARO BÚLGARO – sem que se possa examiná-los de perto e mesmo tocá-los, como acontece nos museus. Nos dicionários eles lá estão, um e outro, com os seus verbetes – mas isso é fácil, Deus também lá está [...]. (CARVALHO, 2002, p. 313).

Na Explicação Desnecessária, chama atenção um recurso utilizado para conferir verossimilhança às narrativas de ficção: a nota de rodapé, que também não escapa do tom irônico, quando, no primeiro parágrafo, o narrador diz: “Este espantoso documento já estava para ser entregue a seu afortunado editor [...]” e, na referida nota, o editor critica o Autor, a

quem atribui leviandade ao afirmar que fora procurado por uma comissão de búlgaros e assina “(Nota do afortunado Editor)”.

A obra é então intitulada *Livro de horas e desoras ou diário da famosa expedição ‘tohu-bohu’ ao fabuloso reino da Bulgária* (MCMLXI- ...) *com o que se passou ou não se passou de importante nesse, com perdão da palavra, Interregno*. Nesse momento, é impossível desconsiderar a intertextualidade presente na narrativa em estudo.

O *Livro de horas* era um tipo de manuscrito, acompanhado de ilustrações apropriadas, próprio da Idade Média, cuja coleção de textos, orações e salmos servia como conteúdo de leitura litúrgica para determinados horários do dia. Modestos ou suntuosos, exerceram um papel de suma importância social, seja como cartilha para o aprendizado da leitura, seja como símbolo da riqueza de seus possuidores – alguns valiam tanto quanto grandes propriedades e até figuravam nos inventários.

A expedição foi nomeada ‘Tohu-Bohu’, palavra hebraica que, no livro do Gênesis, significa o caos primitivo – “No princípio era o caos”. Para Deleuze (2003, p. 142), a ironia é “Dionísio sob Sócrates, mas é também o demônio que estende a Deus assim como às suas criaturas o espelho em que se dissolve a universal individualidade e ainda o caos que desfaz a pessoa.” O estado de Tohu-Bohu precede uma criação prévia “sem forma e vazia” (Deus cria os céus e a Terra – versículo 1 –, porém, no início, eles são “sem forma” e “vazios” – tohu-bohu, versículo 2 –; no primeiro dia da semana de sete dias da Criação, Deus começa a formar e encher o tohu-bohu – versículos 3ss). Isso remete a Mallarmé, em cujos poemas a existência é incerta – tanto quanto à da Bulgária – e se apresenta como um espaço vazio, ou como um lugar nulo, num tempo sem substância: o duplo do cosmos.

Por importação francesa, tohu-bohu passou a significar confusão, pandemônio, multidão agitada. Rabelais criou como personagem um gigante com problemas digestivos, que vivia nas ilhas fictícias de Tohu e Bohu. O caos, o sem forma, o vazio, pandemônio: não seria *mise-en-abime*?

Não menos engenhoso é o chiste inicial: “com o que se passou ou não se passou de importante nesse, ‘com perdão da palavra’, interregno” (grifo meu). Para Freud (1995), o chiste é uma espécie de válvula de escape de nosso inconsciente, que o utiliza para, em tom de brincadeira, exteriorizar aquilo que verdadeiramente pensa. De acordo com sua concepção, o humor e a ironia deixam o cotidiano mais leve e a realidade mais tolerável. Exatamente o que o chiste possibilita, quando conecta, de modo arbitrário, por meio de uma associação verbal, duas idéias contrárias. A técnica dos chistes relembra toda a primazia do simbólico destacada por Lacan [19_

...] em *Formações do inconsciente*, obra em que ele ressalta a importância do presente do discurso ao invés do discurso do presente ou da realidade do discurso e não da realidade factual.

Ironicamente, o diário – livro de horas, portanto, de preceitos cristãos – inicia-se em outubro, 31, dia da festa pagã Halloween, inicialmente festividade Celta, conhecida como Samhain. Em seguida, Outubro, 32, dia do mês que não existe e corresponde, então, a primeiro de novembro, Dia de Todos os Santos, que precede a 2 de novembro, Dia de Finados. Os celtas celebravam o ano novo em primeiro de novembro, por considerar a época como o final do verão e da colheita e o início do sombrio e gelado inverno, que associavam à morte, tendo em vista o esforço despendido para que sobrevivessem às baixíssimas temperaturas. Acreditavam que a noite da véspera de ano novo era o limite enfraquecido de dois mundos e que, nessa data, o mundo dos mortos e o mundo dos vivos poderiam se misturar. O Samhain, portanto, era celebrado na véspera no dia 31 de outubro, quando as almas retornavam de sua morte eterna. Os conquistadores romanos chamaram a data de Ferialia e o Papa designou o dia 31 de outubro como o Dia das Almas – criado em homenagem àqueles que já morreram –, dia anterior ao Dia de Todos os Santos. Atualmente chamado Dia de Finados, é celebrado, pela comunidade católica latina, em 2 de novembro, um dia após o Dia de Todos os Santos. Interessante observar que essa data presta homenagem aos Santos desconhecidos, sem nome, “que pareceram presença inútil no mundo, mas que carregaram em silêncio a marca do Filho do homem, ou seja, a cruz”. Uma das razões para realizar essa festa é resgatar a lembrança daqueles cujos nomes foram omitidos por falta de documentos e que somente são conhecidos por Deus, assim como propõe a dedicatória do livro, já extremamente irônica:

IN MEMORIAM

Este livro é dedicado à memória daqueles que, em todos os tempos e sob as condições mais adversas, tentaram ou conseguiram heroicamente [...] possibilitar que se tornassem conhecidos, ou quase, nomes e expressões [...]. (CARVALHO, 2002, p. 316).

Talvez por isso *Livro de horas e 'desoras'* (grifo meu).

A marcação de data no diário é igualmente peculiar. Se, a princípio, se marcam mês e dia – outubro, 31 e outubro, 32 –, posteriormente, o re-

gistro inverte-se para dia e mês – 4 de novembro e 7 de novembro – até que, curiosamente, repete-se, de modo invertido, a última data: Novembro, 7. Daí em diante, as variações alternam-se, surpreendentemente. Em Novembro, 14, por exemplo, não há nada escrito além de seis linhas preenchidas com pontinhos – intertexto com capítulos de Machado de Assis? Novembro, 28 também é singular, pois se repete como Novembro, 28 ½. Após Dezembro, 7, segue-se Outubro. E o narrador justifica:

Descobri que estamos a 12 de outubro e não a 8 de dezembro. Também, com este maldito racionamento não se pode ter noção do tempo exato: das tantas fica-se no escuro, é como se o tempo parasse; quando volta a luz já o relógio disparou para frente, dando idéia de que nada tem a ver com a parada do tempo. Uma confusão dos diabos. Em vista disso, e para evitar maiores confusões no futuro, porei daqui por diante apenas o mês e não o dia em que estou ou julgo estar, como ponto de referência para este diário. Assim, mesmo que me engane, o engano será menor e certamente não darei por ele. Se preciso porei apenas o ano; e, se ainda persistir qualquer dúvida, apenas o século (CARVALHO, 2002, p. 348).

A procura da Bulgária leva o narrador a um estado de êxtase em que o tempo abre-se e ele acessa um lugar e um tempo que são todos os lugares e todos os tempos num só.

E, apesar do aviso, a originalidade continua, quando marca “Outubro?”, “(Outubro)”, “Século XX (?) –”, “Século” até chegar no interessante registro:

—?

????????????????*

* – ? (Nota do Linotipista)
(CARVALHO, 2002, p. 374).

Retorna-se a marcação para “Outubro, 27” e, em seguida, registra-se “Outubro, 27 (ainda)”. Finaliza-se a narrativa em forma de diário, com o fracasso(?) da expedição. Abre-se um novo capítulo, intitulado A Partida, no qual, ao invés de ‘partirem’ para a Bulgária, o narrador, Radamés e Pernacchio ‘partem’ as cartas do baralho e iniciam uma ‘partida’ de pôquer.

Nesse momento, a narrativa passa a ser em forma de diálogos, semelhantes aos do gênero dramático.

Convém lembrar que uma pluralidade de tempos constitutivos da história substituiu, há muito, a visão escatológica. O mundo torna-se uma pluralidade de palavras dispersas em vários textos. Os pontos de referência deixam de ser fixos, o tempo torna-se uma abstração (imagens dos tempos, sentimento das temporalidades) e lida-se, então, com um repertório de signos heterogêneos.

No discurso de *O púcaro búlgaro*, muitas vezes, converte-se a categoria geral, abstrata (o tempo), em coisa – “Saí para matar o tempo e matei-o” (p. 320) –, ou o contrário, o concreto (um mijadouro) em completa abstração (espaço cósmico) – “o espaço cósmico nesse sonho de todos que é um mijadouro universal” (p. 318). Veja-se:

Mas vejo que me perco em divagações que só interessam aos cursos de história e não ao curso da história (CARVALHO, 2002, p. 319).

Mas isso são águas passadas e a mim me interessam as águas futuras (CARVALHO, 2002, p. 320).

Ou talvez seja isso justamente que esteja acontecendo, o que sempre aconteceu, as mesmas coisas sempre as mesmas, apenas passando de um dia para o outro como se fossem outras (CARVALHO, 2002, p. 321).

Afastando-se dos recursos gráfico-temporais e dos diferentes gêneros da narrativa imbricados no romance em tela, volta-se à principal questão aqui proposta: identificar os mecanismos que permitem reconhecer a ironia, o chiste, a carnavalização em *O púcaro búlgaro* e como esses mecanismos possibilitam o leitor implicar algo diferente daquilo que o narrador está literalmente dizendo, ou seja, deixar o sentido literal para perceber o figurado.

Contudo, não se pretende conceber a ironia como tropos, explicado mediante a distinção entre as funções referencial e metalingüística da língua, prerrogativa insuficiente para distinguir o discurso irônico. Segundo Ducrot (1987, p. 98),

falar de um modo irônico é, para um L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe por outro lado que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda. Mesmo sendo dado como responsável pela enunciação L, não é assimilado a E, origem do ponto de vista expresso na enunciação.

A ironia de que aqui se fala resulta de uma contradição percebida na duplicidade enunciativa do processo. Acredita-se que o leitor, diante dessa ambigüidade, ‘decodifique’ o texto, atuando como um dos produtores de sua significação. Aliás, com muita propriedade, diz Fish (1993, p. 159) que “a interpretação não é a arte de entender (*construing*), mas sim a arte de construir (*constructing*). Os intérpretes não decodificam poemas: eles o fazem”.

Se é possível que a linguagem, inicialmente, anule o real pela transparência, a própria palavra pode anular-se na linguagem. Por isso, o eu e o outro, a palavra e a coisa são diferentes e iguais, como uma coincidência dos contrários, característica na linguagem imagética. Conforme Lafer (1999, p. 56),

as máscaras em movimento, como ‘signos em rotação’, provocam a irrupção e desnudam a dispersão dos fragmentos, abrindo a possibilidade de uma postura crítico criativa, a partir dos desmascaramentos sucessivos dos sentidos unívocos impostos pela razão instrumental. Trata-se de uma inspiração que busca o ‘outro da razão’, a partir do descentramento do sujeito, inspirado em Nietzsche.

De acordo com Fish (1993), não se “descobre” um objeto. Como já mencionado, este é ‘construído’, mediante estratégias interpretativas elaboradas não pela subjetividade e sim por meios sociais e convencionais. Por meio da ironia instituída na linguagem, instaura-se o humor crítico, responsável pela alteração da organização social vigente. Na concepção de Fish (1993, p. 163-4),

a determinação (da relação e da significação) é resultado da ação de categorias de organização [...] que conferem, logo de início, forma e valor ao que vemos e ouvimos. [...] Estar em uma situação significa ‘ver’ com os olhos dos interesses, objetivos, valores, normas, práticas estabelecidas desta situação, e significa, portanto, conferir significação ao ver e não depois de ver. [...] então os significados que este vier a conferir aos textos não serão específicos a ele, mas terão sua origem na comunidade (ou comunidades) interpretativa(s) da qual ele é função.

Essa concepção unida à idéia de Deleuze (2003, p. 143) de que “a ironia é a coextensividade do ser com o indivíduo, ou do Eu com a representação...” justifica o modo como o leitor reconhece a ironia, o chiste, a

carnavalização em *O púcaro búlgaro*. Muitas vezes, ele, o leitor, fica suspenso no questionamento: a rotina foi modificada pelo jocoso ou as páginas deste texto descrevem um antro de loucos, que vivem permanentemente no ‘carnaval’? Ilustram, os exemplos:

Pelo visto matei um morto, descobri a pólvora, chovi no molhado, acabarei ensinando o padre-nosso ao vigário. Não exatamente assim mas de qualquer forma assim. (CARVALHO, 2002, p. 321).

[...]

As velas vou dá-las ao primeiro defunto que me passe pela porta – pela janela, já que este é o oitavo andar; ele, como defunto, não terá dificuldade em subir até aqui, mesmo se não subindo (CARVALHO, 2002, p. 326).

[...]

Acabo de pôr o anúncio no jornal. EXPEDIÇÃO À BULGÁRIA. PROCURAM-SE VOLUNTÁRIOS.

Poderia ter acrescentar: que não sejam necessariamente loucos. Mas como essa ressalva poderia afugentar os mais capazes e abnegados, deixei a cargo de cada um o juízo sobre o seu próprio juízo. Mesmo porque os loucos nunca se julgam loucos e acabariam vindo da mesma forma – eles ou ninguém mais (CARVALHO, 2002, p. 329).

[...]

Rodei pela cidade como um louco, o que me fez passar despercebido entre a multidão (CARVALHO, 2002, p. 330).

[...]

O anúncio custou caro, na página necrológica que é a mais lida (CARVALHO, 2002, p. 330).

[...]

disse gentilmente até ontem e partiu (CARVALHO, 2002, p. 331).

Uma percepção carnalizada do mundo permite a existência de excêntricas e ambivalências, as quais aproximam elementos contrários que coexistem dialogicamente no texto, como o sagrado e o profano, o grande e o insignificante, o elevado e o baixo, o sábio e o tolo, o erudito e o popular, entre outros. A montagem textual de *O púcaro búlgaro* torna-se mais interessante à medida que se impregna de imagens e situações insólitas, como as que seguem:

Pernacchio, que morou muitos anos ao lado da Torre de Pisa e, como era natural, acabou ficando neurótico com a idéia de que aquilo lhe pudesse desabar sobre a cabeça. Pareceu-me um pouco inclinado para a esquerda,

mas como não tenho preconceitos políticos e julgo que cada um é o que é e não o que diz que pensa, afirmei-lhe que seria bem-vindo ou bem-ido sempre que se dispusesse a vir ou ir. Encafifou-me foi um sobretudo que vestia com um calor de quase quarenta graus, mas como pretende mesmo chegar à Bulgária e lá o inverno é sabidamente glacial (Nostradamus, Centúria X, 97) acabei lhe dando inteira razão e vestindo o meu pulôver antes que me resfriasse (CARVALHO, 2002, p. 331)¹.

[...]

– Vi que o sr. morava sozinho e resolvi vir morar sozinho com o senhor.

– Só que há a Rosa, que também mora sozinha. Assim seremos três a morar sozinhos (CARVALHO, 2002, p. 333).

[...]

– O sr. nunca andou no teto? [...]

– Pergunto porque não se notam marcas de pés, ou pegadas [...] Nem mesmo as dos inquilinos de cima, que sempre deixam uma marca ou outra por mais cuidadosos que sejam (CARVALHO, 2002, p. 333-4).

[...]

E começou acariciar o gato que havia trazido para uso próprio, e que me pareceu antes o dorso de sua mão esquerda – é verdade que bastante peluda e irritadiça. Se ele trouxe também a sua própria Rosa, então não haverá maior perigo, pensei comigo, e não pude deixar de sorrir diante de idéia salvadora (CARVALHO, 2002, p. 334).

[...]

– A primeira condição para se ir a Bulgária, e já não falo para chegar até lá – continuou o professor acariciando o gato – é acreditar piamente que ela esteja ao alcance da nossa mão, como este belo gato está sempre ao alcance da minha mão, tão ao alcance que às vezes chega a confundir-se com ela (CARVALHO, 2002, p. 334).

Entretanto, Barros (1994, p. 6) ressalva que “a carnavalização dos textos se confunde com o que se convencionou denominar polifonia discursiva”. Para se compreender a carnavalização recorre-se, primeiro, à inteligibilidade do que é o ambíguo, o duplo, o ambivalente. O Carnaval coloca o mundo ao avesso, portanto, nessa “vida ao contrário”, suspendem-se as leis, as proibições, as restrições. Para Bakhtin (2002, p. 124),

a ação carnavalesca principal é a coroação bufa e o posterior destronamento do rei do carnaval. Este ritual parece ser comum em todos os tipos

de festas carnavalescas e simbolicamente está relacionado, por meio da ‘cosmovisão carnavalesca’, à idéia de mudanças e transformações, da morte e da renovação. Tal ritual possibilita, em um nível simbólico, parodiar as organizações do poder. No caso da coroação e do destronamento do rei bufão encontramos a paródia dos governos monárquicos da Idade Média. Não obstante, a paródia deste ritual de coroação e destronamento insere o riso do carnaval, já que podemos rir do rei que será destronado. A paródia, ou seja, essa representação do mundo ‘às avessas’, simboliza algo mais profundo, já que nos traz a noção da relatividade de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição [hierárquica].

O irônico se mistura ao trágico e ao cômico e cria um universo simbólico pleno de representações, em que se encerra o realismo grotesco de que fala Bakhtin (1997). Em *O púcaro...* a presença de muitas imagens deformadas e do exagero, a confusão e a dissolução de identidades e a total liberdade de transgredir, inclusive a lógica, mostram a cultura de um povo em seus efeitos cômicos de máscaras, no riso, no grotesco, na sexualidade, como demonstram os trechos a seguir:

Foi uma boa mulher enquanto foi boa, depois as nádegas lhe cresceram tanto que eu tinha dificuldade até de atingir a cozinha, estando ela nas imediações (CARVALHO, 2002, p. 320).

[...]

‘Rosa tem um seio menor do que o outro; este o nosso segredo’.

Um dia, a que se julga a minha metade chegou e disse: ‘Rosa, vá pregar este crucifixo na parede’ – e fui eu o crucificado. As pernas de Rosa em cima da cadeira, de repente na roseira, o sexo de Rosa florescendo no alto, inatingível, não mais no assoalho, em torno da mesa, esquentando-se no fogão sem necessidade.

Menina Rosa, eu disse, Rosinha – e nos tornamos amantes. O tal estupor com as suas nádegas tomando toda a extensão da cama: ‘Assim não é possível, minha filha, vou dormir no sofá’, e ia dormir na Rosa, inseto por inseto eu viro abelha: sugando o néctar dos seios de Rosa, o pequeno e o mais pequeno (CARVALHO, 2002, p. 334, p. 324).

[...]

Absoluta ou não, a verdade é que eu estive em Filadélfia e lá até deixei para sempre a bunda da minha mulher, não sei se no museu (CARVALHO, 2002, p. 341).

[...]

Quem estivesse copulando, depois de vinte anos de cópula acabaria se aborrecendo 'um pouco' (CARVALHO, 2002, p. 321, grifo meu).

[...]

Outro dia o troglodita quis convencer-me de que um dos meus quadros estava de cabeça para baixo, e o pior é que nem era um quadro, era um espelho. Possivelmente me viu debruçado à janela, por trás, e concluiu que aquilo não poderia ser bunda nem coisa parecida, daí meter-se a querer fazer crítica impressionista. Vê-se que ele não vê bunda há muito tempo, o infeliz, e que o binóculo não o ajuda muito nas suas pesquisas, ao contrário do que acontece comigo.

Aliás, a bunda da sua neta ou tataraneta é um dos grandes melhoramentos do bairro (CARVALHO, 2002, p. 322).

[...]

Pus Rosa num romance que estava fazendo, era só o que prestava no romance, saía Rosa e a coisa não saía, tentava em vão falar as outras personagens, quem falava era a mulher lá do quarto: Vá dormir, homem, apague essa luz – e lá ia eu dormir com Rosa. Um escritor fracassado e dormindo com Rosa; seria pior se fosse o contrário.

Todo marido é um fracassado como marido, o último dos homens (CARVALHO, 2002, p. 325).

[...]

Estou tão cansado de andar com a vela na mão – e outro dia, de tão cansado e perturbado, por pouco não metia a vela entre as pernas de Rosa, já não sabendo o que era meu e o que não era meu (CARVALHO, 2002, p. 326).

[...]

Acabo de mostrar à garota aí da frente o que será o mastro do nosso futuro navio. Pareceu ter ficado realmente impressionada (CARVALHO, 2002, p. 332).

[...]

A exposição do professor nos deixou a todos excitados – e, assim, à noite tratei de dormir com Rosa.

Não dormir; seria o certo (CARVALHO, 2002, p. 346).

Portanto, a inversão da ordem abre a oportunidade de uma nova forma de relações humanas. Diante da dissolução da hierarquia, desfazem-se as desigualdades sociais e abole-se a distância entre os homens. Os jogos de palavras presentes no discurso de *O púcaro...* são procedimentos de criação

dessa ambivalência carnavalesca e conduzem a uma releitura de mundo, como se percebe nos seguintes fragmentos:

é bom que assim seja, que assim esteja (CARVALHO, 2002, p. 318).

[...]

arremeteu contra as Índias e foi descoberto por indígenas a que chamou de índios e índios continuaram até hoje (CARVALHO, 2002, p. 318).

[...]

Sei que se trata de algo extraordinário, tão extraordinário que me escapa (CARVALHO, 2002, p. 320).

[...]

esta justamente é a fase da sondagem e o que procuro e ainda há de vir é o insondável (CARVALHO, 2002, p. 320).

[...]

Estou desconfiado de que o tudo aí sou eu, o que é muito pouco (CARVALHO, 2002, p. 326).

[...]

Decidi-me a descobrir o que quero descobrir (CARVALHO, 2002, p. 326).

[...]

Novembro, 18

Nenhum voluntário.

Novembro, 19

Nenhum candidato a voluntário (CARVALHO, 2002, p. 330).

[...]

Telefonou-me um cidadão que se diz algebrista e que [...] se havia desiludido completamente da sua álgebra – sua mas não dele, fez questão de frisar (CARVALHO, 2002, p. 332).

[...]

sua intenção era a de abrir na Bulgária [...] uma fábrica de acentos circunflexos [...]. O acento circunflexo, acrescentou, obriga à circunflexão, e quanto mais nos circunfluirmos ou circunfluirmos os outros, tanto mais circunfluentes nós e eles ficaremos, o que não deixa de ser um consolo neste mundo tão pouco circunfluído (CARVALHO, 2002, p. 333).

[...]

tenho de receber esses inquilinos para receber o que eles trazem (CARVALHO, 2002, p. 336).

[...]

É que sou muito tímido, sem expediente – disse afinal Expedito (CARVALHO, 2002, p. 337).

[...]

– *É casado?*

– *Sim e não.*

– *Tem filhos?*

– *Não e sim.*

– *Emprego?*

– *Sim, isto é, não* (CARVALHO, 2002, p. 338).

[...]

pensar em ir para um ponto de partida qualquer. (CARVALHO, 2002, p. 339).

[...]

um caso legítimo de legítima defesa (CARVALHO, 2002, p. 339).

[...]

com que sonham todos os insones (CARVALHO, 2002, p. 346).

[...]

esta Terra aterradora na qual vivemos desterrados e onde seremos um dia finalmente enterrados (CARVALHO, 2002, p. 346).

[...]

e a voz do inexistente era quase inexistente. [...] *E soprei-o em direção à porta* (CARVALHO, 2002, p. 350).

[...]

Rosa dá para o gasto e eu sou o gasto (CARVALHO, 2002, p. 351).

[...]

Verificada a presença dos presentes e a ausência dos ausentes (CARVALHO, 2002, p. 356).

Assim, após a discussão de *como* a ironia se estabelece no romance em tela, é possível encontrar a resposta para a segunda importante questão levantada no presente artigo: ‘por que’ ela acontece?

O discurso em *O púcaro búlgaro* – discurso que inverte o sentido de outro discurso, o mundo às avessas, o contralógico –, por meio da utilização do riso como instrumento crítico-filosófico, pode ser concebido como denúncia contra uma classe em franca decadência, a classe média, e seus valores distorcidos. Confere-se:

o racionamento de luz obriga-me a só escrever de dia (CARVALHO, 2002, p. 319).

[...] *O que faz o governo para distribuir tão mal suas escuridões é o que ninguém sabe; e o que Deus também faz, muito menos. De qualquer forma aqui estou sob esta luz solar enquanto não a racionam* (CARVALHO, 2002, p. 319).

[...]

Ainda bem que o racionamento do sol vem aí, segundo acabam de noticiar nos jornais (CARVALHO, 2002, p. 324).

Parece correto admitir que a classe média, pelo menos em parte, tende à supervalorização da cultura acadêmica cientificista, ridicularizada na questão central do romance em estudo – a existência ou inexistência da Bulgária –, que parece instigar, a cada página, o inconsciente social a indagar: “o que confere autoridade para se afirmar que algo ou alguém ou algum lugar existe?”:

E eu mesmo, aqui digressionando sobre o nada enquanto não atino com a razão deste diário, sou bem o melhor exemplo do que digo e redigo e torno a dizer, só que no caso em vez de língua eu uso a Língua e em vez de tomar a palavra tomo as palavras, neste labirinto em que me engolfo, em que te engolfas, em que nos engolfamos, com a convivência dos lexicógrafos, dos filólogos, dos semantologistas e dos decifradores de hieróglifos de todas as procedências ou improcedências (CARVALHO, 2002, p. 324).

[...]

Disse-me que em búlgaros ainda poderia acreditar, mas em púcaros búlgaros não (CARVALHO, 2002, p. 340).

[...]

Mesmo que ficasse um dia definitivamente demonstrada a inexistência da Bulgária, ou das Bulgárias, ainda assim continuariam a existir búlgaros – do mesmo modo como existem lunáticos que nunca foram e jamais irão à Lua (CARVALHO, 2002, p. 343).

CONCLUSÃO

Maravilhosamente louco, intelectualmente lúcido.
(Mario Prata)

Em *Opúcaro búlgaro*, sucedem-se personagens que surgem, desaparecem e (alguns) ressurgem como num desfile de Carnaval. O ritmo constante, porém frenético, dá a impressão da passagem ‘tumultuada’ de blocos, exatamente

como preceitua a carnavalização. A ironia e o chiste, expressos no jogo de palavras e nos trocadilhos do texto, rejeitam a “ditadura da razão” e os valores típicos da classe média. Humor, insólito e contralógica são recursos utilizados para representar a libertação humana da existência utilitária:

Para ele, Rosa a empregada faz parte da decoração ou do mobiliário – mal sabe ele que às vezes durmo com essa poltrona na cama – e sugeriu que eu ao menos arranjasse um cachorro para me fazer companhia, para me tornar mais humano ou pelo menos mais canino (CARVALHO, 2002, p. 322).

[...]

Mas um procurador, além de ser difícil procurá-lo, acabaria procurando e achando um jeito de reduzir-me à mais extrema miséria, como todo procurador que bem procura – e sou rico não sou necessariamente um idiota, ou pelo menos procuro disfarçar minha riqueza e sua conseqüente idiotice (CARVALHO, 2002, p. 336).

As idéias de bom gosto e decoro são subvertidas:

Aconteceu uma coisa ‘engraçadíssima’. Morreu o sujeito aí de frente, o fóssil de binóculo (CARVALHO, p. 339, grifo meu).

[...]

Isso me lembra um incunábulo que vi certa vez na Biblioteca do Vaticano, do século XIII ou XIV se não me engano, e que trazia este título (em latim) bastante sugestivo: ‘NO QUE PENSAM OS ADOLESCENTES QUANDO NÃO ESTÃO PENSANDO NO SEXO’. Suas quatrocentas e tantas páginas vinham em branco naturalmente, um pouco amarelecidas pelo tempo, e só no final se lia a advertência FINIS, em belas letras góticas. Propus a tradução de obra tão erudita a um editor de Florença, mas como ele não concordasse em suprimir aquele tópico final, que me parecia uma excrescência, a idéia não foi avante (CARVALHO, 2002, p. 323).

O impulso criativo do narrador se dá por meio do fluxo verbal despejado sobre a narrativa. Há uma ‘avalanche’ de situações ‘regurgitadas’ pelo narrador que não obedecem, necessariamente, à lógica referencial, como exemplifica a seguinte passagem:

Rosa na igreja, pedindo perdão por seus pecados, por suas virtudes, eu esperando que ela viesse pura de alma para lavar minha alma. [...] Um

crápula que dorme com uma rosa, no escuro para que o julguem menos crápula – os crápulas (CARVALHO, 2002, p. 325).

Para Deleuze (2003, p. 142),

O que há de comum a todas as figuras da ironia é que elas encerram a singularidade nos limites do indivíduo ou da pessoa. Por esse motivo, a ironia não é vagabunda senão em aparência. Mas, sobretudo, é porque todas estas figuras estão ameaçadas por um íntimo inimigo que as trabalha de dentro; o fundo indiferenciado, o sem-fundo [...] e que representa o pensamento trágico, o tom trágico com o qual a ironia mantém as mais ambivalentes relações (DELEUZE, 2003, p. 142).

No romance supradiscutido, esse limite é estabelecido no âmbito de uma comunidade discursiva (interpretativa), visto que “a ‘cena’ da ironia é uma cena social e política” (HUTCHEON, 2000, p. 19). O humor – divertido ou não –, a ironia, o chiste, o jocoso, o carnavalesco dependem de um contexto social e conjuntural para se instituírem. O que pode ser tão *hilário* quanto, em um romance inteiro, o narrador deixar ‘escapar’ seu nome apenas uma vez, ‘despretensiosamente’ diluído no meio de seu discurso?

Mas quem, eu pergunto, em seu perfeito juízo pode levar a sério um sujeito que se chamava e sobretudo se deixava chamar Estrabão – e isso não só durante a sua vida como através de séculos e séculos – quando naquele tempo havia tantos nomes belos e sugestivos entre os quais pudesse escolher livremente, alguns mesmo belíssimos e sugestivíssimos, como Radamés, Expedito, Ivo, Pernacchio, Rosa e Hilário – para só citar alguns exemplos? (CARVALHO, 2002, p. 344).

Notas

¹ Note-se a citação bizarra.

Referências

ALMEIDA, L. F. de. Tempo e otredad nos ensaios de Octavio Paz. São Paulo: Annablume, 1997.

CARVALHO, C. de. O púcaro búlgaro. In: _____. Obra reunida. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

DELEUZE, G. Décima nona série: do humor. In: _____. Lógica do sentido. Tradução

de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 137- 143. (Col. Estudos, Filosofia).

DUCROT, O. O dizer e o dito. Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.

FISH, S. Como reconhecer um poema ao vê-lo. Tradução de Sônia Moreira. Palavra, Rio de Janeiro, n.1, p. 156-165, 1993.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, V. 8).

HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000. (Humanitas).

LACAN, J. As formações do inconsciente. Recife: Traço Freudiano Veredas Lacanianas, [s.d.].

LAFER, C. Sua palavra se ajustava à criação e à crítica. In: MACIEL, M. E. A palavra inquieta. Homenagem a Octavio Paz. Belo Horizonte: Autêntica; Memorial da América Latina, 1999.

Abstract: understand the language as a fundamentally dialogical phenomenon and as social interaction. It proposes, in this article, a reading of the The Bulgarian Pot, from Campos de Carvalho, to the light of the studies about irony, jokes and carnivalization, since, in the referred work, 'the discursive communities' offers a context to the employment and the attribution of irony, used as discursive strategy to unmask the social existence and reveal his latent meaning.

Keywords: irony, jokes, counterlogic, carnivalization

Texto parcialmente apresentado no III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, em abril de 2008.

GABRIELA AZEREDO SANTOS

Mestranda em Letras: Literatura e Crítica Literária, na PUC Goiás. Especialista em Literatura Brasileira. Professora de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Cora Coralina. Preparadora de Originais na PUC Goiás. *E-mail: gabrielaucg@gmail.com*